

A Ética nas Relações entre Pais e Filhos

Artigo

Gley P. Costa

Membro Fundador, Titular e Didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

Resumo: O trabalho enfatiza a importância de uma ética nas relações humanas que leve em consideração a individualidade do outro, independente de quaisquer diferenças, sejam de idade, sexo, posição social, conhecimento, crenças, convicções e, no caso específico, papéis familiares. Ou seja, o respeito devido aos adultos dentro de uma família, é o mesmo que deve ser dispensado às crianças desde o seu nascimento, ou até antes. Falhas nesse preceito fundamental costumam resultar em três situações defensivas que o autor descreve sob o título de aprisionamento, refúgio e pseudomaturidade.

Palavras-chave: Adolescência. Incesto. Mundo atual. Parentalidade. Relacionamento pais-filhos. Sofrimento psíquico.

Introdução

Deixando de lado a discussão semântica, filosófica e, até mesmo, psicanalítica do termo com vistas à objetividade, em primeiro lugar gostaríamos de definir o que consideramos um comportamento ético no âmbito das relações humanas, incluindo, obviamente, os familiares. De acordo com o nosso ponto de vista, é ética a conduta que leva em consideração a individualidade do outro, independente de quaisquer diferenças, sejam de idade, sexo, posição social, conhecimento, crenças, convicções e, no caso específico, papéis familiares. Ou seja, o respeito devido aos adultos dentro de uma família, é o mesmo que deve ser dispensado às crianças desde o seu nascimento, ou até antes, como sugere Derrida (2003) mediante o conceito de *hospitalidade*, aplicável a todas as formas de relacionamento entre indivíduos, grupos ou nações, tendo como ponto de partida, alicerce e modelo, conforme concebemos, os vínculos familiares. Diz esse brilhante pensador contemporâneo (p. 171):

A hospitalidade pura e incondicional, a hospitalidade *em si*, abre-se ou está aberta previamente para alguém que não é esperado nem convidado, para quem quer que chegue como um *visitante* absolutamente estrangeiro, como um *re-cém-chegado*, não identificável e imprevisível, em suma, totalmente outro.



Medeiros (1999) ilustra com precisão o que estamos procurando configurar. Poetizou essa conhecida escritora e jornalista gaúcha (p. 160):

minha bisavó reclamava que minha avó era muito tímida
minha avó pressionou minha mãe a ser menos cética
minha mãe me educou para ser bem lúcida
e eu espero que minha filha fuja desse cárcere
que é passar a vida transferindo dívidas

Quando se observa flagrante desrespeito à individualidade nas relações familiares, em particular, quando os pais exercem, indiscriminadamente, sua autoridade sobre os filhos, caracterizando nos limites desta exposição uma falta ética, três costumam ser as consequências: o *aprisionamento*, o *refúgio* e a *pseudomaturidade*.

Aprisionamento

O conceito de *aprisionamento* reporta-se ao que Lebovici (1992) chamou de *transmissões intergeracionais*, por meio das quais a criança recebe um mandato de seus pais para aplacar as tempestades e os riscos de naufrágio da família. A experiência clínica mostra que, quando um papel é atribuído precocemente a uma criança, dificilmente ela consegue escapar desse destino, constituindo uma maneira de viver ou, mais apropriadamente, de sobreviver, uma vez que esta é a única maneira que se sente aceita e protegida. Mais tarde, ao se recusar a cumprir o papel determinado, além da ameaça do abandono e da solidão, defronta-se com sentimentos de culpa pelo fracasso ou sofrimento dos pais e irmãos. Bollas (1992) refere que, nessa condição, o indivíduo encontra-se impedido de atingir o seu potencial destinado à elaboração pessoal, ou seja, a desenvolver o seu próprio *idioma*. No lugar disso, tornar-se-á refém de um *fado*, conceito que, de acordo com o autor, “ênfatiza a irracionalidade e o caráter impessoal dos acontecimentos” (p. 47), correspondendo, portanto, a viver sem criatividade, pois os acontecimentos são determinados antes que eles ocorram.

Nessa linha, não são raras as situações em que o grupo familiar faz com que um dos seus membros adoeça e passe a tratá-lo como um *caso*. A explicação é simples: assim como um indivíduo pode descarregar um conflito não resolvido em um dos seus órgãos, da mesma maneira a família pode drenar suas tensões internas para um dos seus membros que, em uma analogia com a histeria, torna-se o *sintoma local* da família. No momento em que o eleito cai doente ou se torna socialmente censurável por beber, usar drogas ou apresentar alguma forma de conduta antissocial, segue-se uma calma notável na atmosfera da família, anteriormente conturbada. Sem nenhum exagero, podemos afirmar que uma parte

da família pode escapar ao desencadeamento de uma doença psiquiátrica projetando conflitos não resolvidos sobre a outra parte de seus membros. Esta divisão defensiva de papéis é demonstrada pelo fato de que, quase sempre, a melhora de uma pessoa neurótica leva à emergência ou ao agravamento de sintomas na pessoa que está mais próxima dela. Por isso, é frequente em nossa experiência a reclamação dos pais de pacientes quando eles progridem em seus tratamentos.

Um exemplo dramático da pressão familiar sobre a mente de um dos seus integrantes identificamos em Luiz, 18 anos, internado em um hospital psiquiátrico. Ele havia assassinado seu próprio pai, após uma discussão banal. O caso lembra o conhecido livro de Gabriel García Márquez, intitulado *Crônica de uma morte anunciada* (1981), tendo em vista que Luiz vinha brigando com o pai e o ameaçando de morte há várias semanas sem que ninguém tomasse uma providência, nem mesmo a vítima, que continuou mantendo o revólver com que foi morto no local que todos sabiam. Quando o caso foi apresentado, sugerimos a realização de uma terapia familiar como forma de tentar esbater a sintomatologia psicótica do paciente. Após alguma resistência, a mãe e os irmãos aceitaram participar do tratamento, mas dificilmente compareciam todos. Apesar disso, a terapia se manteve por um tempo prolongado, permitindo verificar, por meio de inúmeras associações, sonhos, atos falhos, atuações e manifestações sintomáticas que, como em *Os irmãos Karamazov* (1879), de Dostoiévski, o crime fora cometido por apenas um, mas todos, até mesmo a vítima, o havia desejado. A repartição da culpa permitiu a Luiz, em muitas oportunidades ao longo do tratamento, enfrentar essa realidade escotomizada pela psicose.

A vida cotidiana também proporciona inúmeras demonstrações desse exercício de poder da família sobre seus membros. Por exemplo, a escolha dos nomes dados aos filhos raramente é aleatória. Em geral se relaciona com um fato de expressivo significado afetivo para os pais. Com frequência, o nome determina o papel previamente destinado pelos pais ao filho que nasce. Esse papel pode ser substituir um irmão mais velho que morreu, como no caso de Van Gogh, ou outros familiares, principalmente, avós e tios. Nesse caso, a expectativa dos pais é que o recém-nascido substitua o ente querido, estabelecendo-se, desde o início, um conflito entre o que o indivíduo é e o que a família espera que ele seja. A frequência com que situações como essa ocorrem e a naturalidade com que são relatadas revelam uma desmentida aceita socialmente, o que configura um verdadeiro assassinato de personalidade.

Também é comum que os pais escolham para os filhos a profissão que deverão exercer ou o cargo que deverão ocupar e, muitas vezes, esse desejo é designado pelo nome. O nome do avô médico pode indicar que a expectativa dos pais é de que o filho venha a se formar em medicina, assim como o nome do pai, dado ao



primeiro filho homem, pode indicar que ele deverá ser seu substituto na direção da empresa. Além disso, o nome dado ao filho pode simbolizar a pretensa união dos pais, juntando pedaços dos dois nomes, mas também pode representar a competição dos pais, muitas vezes, dificultando a definição sexual da criança. Essa situação torna-se mais evidente quando são dados aos filhos nomes compostos: um feminino e outro masculino. Por outro lado, não são raros os casos de pais que se sentem profundamente frustrados e deprimidos com o nascimento de um filho do outro sexo, e a forma que o cônjuge encontra para compensá-lo é dar ao recém-nascido o seu nome, passado para o feminino ou para o masculino, dependendo da situação.

O ingresso na vida adulta é marcado pela desidealização dos pais e pela priorização dos vínculos exogâmicos, em particular no que diz respeito à intimidade. Pais narcisistas não toleram ocupar um segundo plano na vida dos filhos, interferindo na escolha do cônjuge, na festa de casamento, na casa que habitarão e, muito particularmente, na maneira como obterão o sustento. Além disso, mais tarde tentarão apropriar-se da criação dos netos, como uma forma de repor o filho perdido. Temos observado essas condutas tanto em pais com os filhos homens, quanto em mães com as filhas mulheres. Para exemplificar, citamos dois casos:

O primeiro é Manoel, que aos 32 anos procurou tratamento analítico movido por quadro de grande ansiedade diante do convite para assumir um cargo de relevância e elevados ganhos na empresa em que trabalhava. Como era de costume, procurou o pai para lhe pôr a par da situação e saber a sua opinião, em que pese essa atitude ter gerado um desentendimento bastante sério com a esposa, que entendia que o assunto deveria ser tratado em primeiro lugar entre eles. O pai, presidente e sócio majoritário de uma empresa familiar, reiterou sua posição de que Manoel deveria seguir os passos dos dois irmãos mais velhos, que já trabalhavam com ele. O conflito se estabeleceu porque era evidente o desejo de Manoel em possuir uma vida independente, possibilitada por sua grande capacidade profissional e esposa que lhe amava e desejava construir uma família livre da interferência de ambos os pais. Contudo, não menos evidente era a resistência do pai em permitir que o filho se independizasse dele, lembrando Saturno que, de acordo com o mito, comia os filhos na medida em que nasciam.

O segundo caso é de Alice, uma paciente de 28 anos, solteira, que vive um conflito de identidade muito grande, gerado por uma mãe que mediante uma desestimação da realidade, inventou uma filha em conformidade com as suas elevadas necessidades narcísicas. Ao se destacar em todas as áreas, principalmente dos estudos, de certa forma Alice se submeteu às exigências maternas, mas quanto mais fulgia aos olhos da mãe, mais vazia se sentia. Contudo, ela não encontrava outro caminho a seguir e a única compensação que conseguia obter

por essa submissão era maltratar a mãe (que dizia não entender como uma filha podia ser tão ingrata, tendo em vista que lhe proporcionara tudo que havia de melhor desde que nasceu) e recusar os *bons partidos* que ela tentava lhe impor. Por conta disso, Alice nunca teve um namorado, apesar da beleza e da cultura.

É do conhecimento de qualquer psicólogo, psiquiatra ou psicanalista que os indivíduos, de acordo com o seu sexo, de certa forma, procuram se casar com uma pessoa que apresenta algum aspecto importante do pai ou da mãe, e tem muito claras as razões desta tendência inconsciente. Contudo, não são apenas as fantasias incestuosas desses indivíduos que participam da escolha, mas também os desejos transmitidos dos pais. Muitas vezes, os filhos se sentem maus e ameaçados de abandono se não atendem a estes desejos, mesmo não sendo a escolha inteiramente do seu agrado. Um exemplo é o caso de Juliana, cuja mãe entrava em depressão sempre que ela brigava com o noivo e ameaçava não se casar com ele. A mãe de Juliana gostaria de ter casado com o pai do noivo da filha e, dessa forma, passado a integrar a família mais importante da cidade. Quando ocorre pressão dessa magnitude, é comum que o indivíduo acabe realizando o casamento encomendado pelos pais. Foi o que aconteceu com Márcia, cujo noivo era desejado sexualmente por sua mãe, uma mulher jovem e bonita, que se encontrava divorciada há anos. Márcia era muito imatura e não conseguiu manter por muito tempo o seu casamento. Embora a iniciativa da separação tenha sido do marido de Márcia, a mãe jamais a perdoou por não ter se esforçado o suficiente para reverter a situação.

A rigor, todas as pessoas, inevitavelmente, um dia perdem a família de origem, embora ela permaneça em suas lembranças e identificações. Antes disso, o indivíduo deve, progressivamente, ir se separando para dar origem a uma nova família. Sendo assim, quando os pais ajudam a prole a se independizar, não estão preparando apenas filhos, mas também pais. Porém, isso não é obtido com facilidade. Somente pais maduros conseguem ajudar os filhos a se independizarem. Pais fóbicos, por exemplo, estabelecem limites muito exíguos para os filhos porque projetam neles seus temores. Uma mãe com esta característica, enquanto teve o filho sob sua guarda, evitou de todas as maneiras férias na praia porque temia que ele viesse a se afogar. Ela também evitou que o filho estudasse em uma escola que organizava passeios em grupo com os alunos, porque tinha medo que não o cuidassem adequadamente e ocorresse uma desgraça. O filho manteve-se muito preso a ela até se casar, quando então transferiu os *indispensáveis cuidados* da mãe à esposa.

Também observamos situações em que os pais competem frontalmente com os filhos, não tolerando que se desenvolvam mais do que eles próprios, conquistem o que não conseguiram conquistar e, principalmente, sejam mais independen-



tes do que eles, desfrutando a vida mais do que eles tiveram a possibilidade de fazer. Como exemplo, citamos o caso de um pai que não conseguira ir muito longe em sua profissão por ter medo de viajar de avião. Por conta disso, desfez do filho quando, aos 25 anos, financiado pela empresa em que trabalhava, iria realizar a sua primeira viagem de avião, asseverando: “*Só se é agora que perdeste o medo. Tu sempre foste um medroso!*” Uma mãe, com a mesma dificuldade, costumava dizer aos filhos, todos adultos: “*Não vejo razão para andar naquela altura, 12 horas no escuro, arriscando cair, para passar alguns dias na Europa*”.

Não podemos subestimar a influência desses comentários desanimadores na vida emocional das pessoas. Eles se encontram relacionados com a dificuldade de muitos casais em desenvolver uma vida própria, independente dos filhos. Alguns pais se dedicam exclusivamente ao cuidado da prole e ao trabalho. Quando se aposentam e os filhos agora adultos saem de casa, ficam sozinhos, sem amigos e sem envolvimento afetivo com qualquer atividade criativa. As amizades e a ocupação com a atividade profissional e, depois na aposentadoria, com um trabalho de interesse social, que mantenha o vínculo com as pessoas e com a vida fora de casa, promovendo a autoestima e o reconhecimento, constituem ingredientes indispensáveis para aceitar a independência dos filhos e enfrentar o envelhecimento. No entanto, o aspecto mais frequente que se encontra por trás das dificuldades em aceitar a saída dos filhos de casa é o relacionamento afetivo dos pais. Mais precisamente, a impossibilidade do casal permanecer sozinho, enfrentar o ódio que um nutre pelo outro, ou simplesmente a realidade de que não se amam, tendo permanecido juntos apenas para desfrutar, por identificação, as várias etapas do desenvolvimento dos filhos. Não obstante, a forma mais universal e antiga de *aprisionamento* é a religião. Imposta à criança sob a forma de um imperativo, ela tem como objetivo castigar os filhos e submetê-los aos pais. Diz Freud (1927):

Os precipitados dos processos semelhantes à repressão que se efetuou nos tempos pré-históricos, ainda permaneceram ligados à civilização por longos períodos. Assim, a religião seria a neurose obsessiva universal da humanidade; tal como a neurose obsessiva das crianças, ela surgiu do complexo de Édipo, do relacionamento com o pai (p. 57).

Antes, ao estudar a origem das religiões em *Totem e tabu*, Freud (1913 [1912-13]) destacou o autoritarismo paterno, consignando que “Deus nada mais é que um pai glorificado” (p. 176). Nessa linha, Klein (1921) chamou a atenção para o efeito avassalador dos dogmas religiosos, impondo graves inibições sobre o pensamento. Adverte a autora:

Introduzir a ideia de Deus na educação e deixar depois ao desenvolvimento individual o enfrentar-se com ela não é de nenhum modo o recurso para dar à

criança liberdade a este respeito. Porque por essa introdução autoritária dessa ideia, em um momento em que a criança não está preparada intelectualmente para a autoridade, e está indefesa frente a ela, sua atitude nesse assunto fica tão influenciada que não pode nunca mais, ou só às custas de grandes lutas e gasto de energia, liberar-se dela (p. 40).

A advertência de Klein parece visar a desculpa muito comum dos pais quando dizem que colocam as ideias religiosas na mente dos filhos ainda crianças para dar a elas uma opção mais tarde, quando tiverem discernimento para seguir ou não uma religião. Trata-se de uma negativa, porque sabem muito bem que eles mesmos se tornaram reféns dessas ideias colocadas em suas mentes pelos seus pais.

Refúgio

Steiner (1993) estudou um grupo de pacientes cujas análises se tornam repetitivas, estáticas e improdutivas devido à barreira defensiva que levantam com o objetivo de evitar uma ansiedade intolerável. Ele denominou de *refúgio psíquico* o isolamento, que inclui a relação com o analista, vista como uma ameaça a essa proteção. Tomamos o conceito de Steiner para definir a defesa que os filhos estabelecem ao lidar com a ação invasiva dos pais. Enquanto no aprisionamento o indivíduo se submete à missão que lhe é imposta, no *refúgio* ele procura se afastar ou mesmo eliminar o objeto que se apropria do seu ego.

Um exemplo de refúgio encontramos em Marcelo que, durante a infância, resistiu bem mais do que o irmão, dois anos mais velho, o acirrado controle da mãe despótica, que temia que os filhos morressem. No final da adolescência saiu a viajar de carona pelo mundo e, por muitos anos, não parou de andar. Acabou se fixando em um país distante do seu e poucas vezes voltou para visitar a família. Aos 32 anos de idade, não teve dificuldade de dizer, em um tratamento psicoterápico que empreendeu, que temia ser envolvido pela teia familiar e nunca mais conseguir se livrar dela.

Os casos de *refúgio*, relacionados com situações traumáticas, costumam ser mais trágicos, como verificamos no filme *Perdas e danos* (1992), de Louis Malle, que termina com o suicídio do filho ao descobrir que o pai e a noiva se relacionavam sexualmente. O suicídio nessa situação resulta da perda súbita dos ideais, sentida pelo filho, a qual, em outra circunstância, pode levar ao homicídio do pai. No 3º livro do Antigo Testamento, Levítico XVIII, são relacionadas as proibições relacionadas ao incesto. Numa delas, a de número 15, diz o Senhor: *Não descobrirás a nudez da tua nora: é a mulher do teu filho*. Apesar dessa recomendação bíblica, acompanhamos um caso em que identificamos a atitude francamente filicida



de um pai que, como no filme *Perdas e danos*, mantinha uma conduta ostensivamente sedutora da namorada do filho, a qual, por sua vez, mostrava-se bastante provocativa. A situação se arrastava há vários anos, período em que o filho abandonou os estudos, passou a beber e a drogar-se. Além disso, sofreu dois acidentes sérios de carro, gastava o dinheiro do pai exageradamente e tinha atitudes violentas, quebrando objetos de casa e agredindo fisicamente o pai. Tudo indicava que uma grande desgraça se avizinhava, mas nenhuma atitude para evitá-la era tomada.

Por sua configuração traumática, o incesto representa uma condição frequente de refúgio, mas o que é traumático em relação ao incesto, questiona Bollas (1992). É o próprio ato em si, que viola os códigos familiares e sociais de um comportamento convencional? É, como propôs Freud, a memória do evento que traz consigo a carga dos horrores reprimidos? O que exatamente faz mal à vítima? É a violação física? O imaginário mental do ato? O horror disso? Responderemos com as próprias palavras do autor:

Quando um pai comete um ato incestuoso, ele *deseestrutura* a relação da criança com ele como pai. Nesse momento, ele não age mais em nome do pai, uma vez que quebrou a lei do *Nome do pai* (LACAN, 1977). Age, em vez disso, em nome da mãe, ou mais precisamente, ele representa o corpo da mãe e anula o falo como um objeto intrapsíquico que facilita a evolução da criança para a independência. O falo significa a não-mãe, e a identificação com ele ajuda a criança a emergir de uma relação pré-edipiana com a mãe (p. 192).

Esclarece Bollas (1992) que a vítima do incesto se vê brutalmente jogada de volta para uma relação com a mãe dos seus três primeiros anos de vida, representando essa projeção para trás um trauma temporal, uma distorção do tempo, tendo em vista que a criança é transportada para uma vida passada, na qual reverencia uma mãe bastante diferente da mãe original, “na medida em que o pai se deitou na cama da criança com a licença do corpo da mãe, somente que nesse momento, com o corpo da mãe sendo portador de um pênis” (p. 192).

Segue o autor:

Quando o pai comete incesto, ele penetra na pele psíquica da mãe. Deitar com o bebê, amamenta-lo, niná-lo contra o seu corpo, ser o primeiro travesseiro no qual ele dorme, tem sido a atribuição dela. Sob esse aspecto, então, a mãe é inconscientemente vista como uma parceira criminosa na violação, porque o pai penetrou em seu corpo e explorou essa relação mãe-criança a fim de ter acesso à filha. E a criança se sente muito confusa e culpada, porque permite o pai em sua cama por meio da autorização da mãe, o que, na verdade, é um

certo crime contra a mãe, uma ofensa ao seu conduzir produtivamente refreado das relações corpo-a-corpo (BOLLAS, 1992, p. 193).

Na medida em que o ato é realizado por esse *pai-mãe*, refere Bollas que a vítima do incesto tende a recordar as qualidades masculinas da mãe. Em outras palavras, o incesto representa a anulação do pai, a sua transformação em um homem dentro da mãe, o que vai sustentar a fantasia da mãe fálica. Por tudo isso, percebe-se que, no incesto, não é apenas o corpo da filha que é violado, mas também a sua mente, gerando uma reversão topográfica da vida instintual que a impossibilita de distinguir o sonho da realidade, uma vez que, como diz Bollas, “se o pai é o objeto do desejo da criança, deveria então estar *dentro* do espaço do sonho e não no mundo real externo” (p. 195).

Essas considerações se referem ao incesto cometido pelo pai, levando a filha – roubada no seu desejo, distorcida no tempo e vítima de uma “reversão topográfica da vida instintual”, conforme Bollas (p. 194) – a abrigar-se no corpo desestruturado e ameaçador da mãe. Quando o incesto é cometido pela mãe, a situação se reveste de uma dramaticidade maior. Em nossa experiência hospitalar, acompanhamos o caso de um jovem que sofreu um surto psicótico gravíssimo após manter uma relação sexual com a própria mãe. A propósito deste caso, em 1978, Janine Chasseguet-Smirgel, psicanalista reconhecida internacionalmente por seus livros sobre perversão e ideal do ego, enfatizou que dificilmente esses pacientes conseguem sair desse estado regressivo de reengolfamento pelo corpo da mãe. Em uma situação da vida real, reproduzida pelo filme *Savage grace* (2007), do diretor Tom Kalin, após o incesto, o filho mata a mãe a facadas e depois de algum tempo se suicida. Apesar disso, o título no Brasil é *Pecados inocentes*.

Pseudomaturidade

Um dos assuntos mais candentes e controvertidos na sociedade contemporânea é o dos limites. Sem dúvida, eles são indispensáveis nas relações familiares e se impõem tanto aos pais quanto aos filhos em sua adequada medida. Nessa condição, são favorecedores do surgimento da segurança que permite o progressivo desenvolvimento emocional do indivíduo. Por outro lado, encontra-se bem estabelecido que a ausência de limites não gera na criança sentimento de liberdade, mas de abandono. Na verdade, quando os pais colocam limites apropriados, ela se sente protegida e é esse sentimento que permite que ela exerça a sua liberdade. Por conta disso é que consideramos os limites um dos pilares da ética nas relações entre pais e filhos.

A questão dos limites se coloca desde o momento do nascimento de uma criança e enfrenta seu maior desafio no mundo atual durante a adolescência, particular-



mente em sua etapa final, quando juntam-se aos limites impostos pelos pais, outros que são demandados pelo orgânico, pelo anímico e pelo social. Dificuldades surgidas nesta etapa podem levar o indivíduo a desenvolver uma *pseudomaturidade*, a qual se relaciona com os estados de confusão entre o interior e o exterior do objeto, e entre a realidade externa e a realidade psíquica, situação abordada por Meltzer (1971) em seu estudo sobre as *confusões geográficas* observadas na análise. Diz o autor:

A atitude (do paciente) em relação a dinheiro, posses, status social, política e mesmo seu campo de especialização e conhecimento, é passível de ser relativamente contaminada de significação infantil. No sentido estrutural, parece certo que muitos adultos continuam a ter uma estrutura de personalidade adolescente (p. 16).

Segundo Maldavsky (1992), um importante limite se apresenta ao adolescente por volta dos dezoito anos, em consequência da culminação do processo de destituição da autoridade paterna, quando então se vê na contingência de renunciar à ilusão de contar para sempre com um pai supridor e substituí-lo por outro, cuja tarefa consiste tão somente em sustentar palavras. Essa mudança ocorre simultaneamente com o fortalecimento do erotismo genital, em boa medida, até então, investido no crescimento do corpo e experimentado sob a forma de gozo orgânico. A partir desse momento, rompe-se o limite determinado pela discrepância, vigente desde o início da vida, entre a pulsão e a capacidade de satisfazê-la, tornando-se o seu desenlace através do coito impostergável. Com o descenso do ideal endogâmico, o adolescente ingressa em um novo espaço conotado com um significado diferencial a partir do estabelecimento de metas ligadas às atividades laborais e ao amor em um contexto extrafamiliar.

No entanto, o sucesso nessa incursão em espaços e vínculos extrafamiliares somente é atingido após o percurso de um caminho difícil ao longo das etapas anteriores da adolescência, com barreiras que cobram, para serem ultrapassadas, a elaboração de lutos, o estabelecimento de novas representações, a constituição de novas identificações e, como meta mais exitosa, o acesso a formas de maior complexidade nas relações com o outro – uma conquista que institui a alteridade e, por consequência, a genitalidade adulta. É então que tudo o que era percebido como *quantidade* se organizará como *qualidade* psíquica, e o desejo buscará o além de mim. Nessa caminhada, o indivíduo não encontrará jamais a satisfação plena e definitiva, mas construirá sentidos para a sua vida em uma gama infinita de possibilidades na sua relação com o *desconhecido outro*. Nesse respeito pelo *desconhecido outro*, nascem a ética e a hospitalidade no relacionamento humano. No plano amoroso, o princípio de autoconservação se entrelaça com o princípio de conservação da espécie sob a égide da pulsão sexual.

Ao mesmo tempo, o pré-consciente se reestrutura com base na realidade consensual, admitindo a incompletude humana e o juízo sobre a inevitabilidade da morte, particularmente após a perda de entes queridos que, a partir dessa etapa da vida, começa a ocorrer naturalmente. Isso é possibilitado pela hegemonia do ego real definitivo e do juízo de existência conferido por esse desenvolvimento egóico, momento em que o indivíduo adquire a capacidade de sublimar as aspirações pré-genitais, as quais vão gerar a pulsão social, que reinveste a representação do grupo no contexto laboral e institucional. A esse respeito, diz Freud (1911):

Mesmo após a eleição do objeto heterossexual, as aspirações homossexuais não são – como se poderia pensar – interrompidas ou abandonadas; são simplesmente desviadas da meta sexual e conduzidas a novas aplicações. Aliam-se às pulsões do ego como componentes *ligados* para gerar a pulsão social, a qual constitui uma contribuição do erotismo à amizade, à camaradagem, ao sentimento comunitário e ao amor universal pela humanidade (p. 83).

Essa abertura para o universo exogâmico, no entanto, não raro revela impasses e disfarces, os quais se expressam pela *pseudomaturidade* como forma de evitar as exigências da vida adulta. Nessa linha, o esporte, a arte, a religião e até mesmo o estudo são canais que muitas vezes facilitam a fuga. Por outro lado, o uso exagerado de mecanismos de defesa, como a desmentida e a desestimação, podem gerar com o tempo graves manifestações psicopatológicas, entre as quais as psicoses, as perversões e as enfermidades psicossomáticas. Refere Maldavsky (1992) que em um grupo de pacientes sobreadaptados com manifestações psicossomáticas constatou-se que a desmentida da morte do pai provedor de bens materiais era sustentada por uma identidade do tipo *self-mademan*, mediante a qual esses indivíduos procuravam se tornar pais supridores deles mesmos.

Uma das características da *pseudomaturidade* é o estancamento da libido, a qual, como se sabe, tem dois tipos: narcisista e objetal. No estancamento da libido narcisista, a angústia se apresenta como pânico hipocondríaco, prevalente nos adolescentes que desenvolvem condutas aditivas. No estancamento da libido objetal, um sadismo irrefreável, e sem objeto sobre o qual recair, promove um tipo particular de afeto tóxico; isso gera uma angústia violenta que não pode ser processada, se transformando em estado letárgico, no qual falta o matiz afetivo que confere qualidade aos processos pulsionais. Entretanto, na maioria das vezes, essas manifestações dos estados de êxtase libidinal narcísica e objetal são episódicas, não chegando a se estruturar como quadros estáveis (ALMASIA; SCOKIN, 1994).

Um caso clínico ilustra o impacto e os desdobramentos anímicos do final da adolescência. Trata-se de Paulo, atualmente com 36 anos, em uso de ansiolíticos e antidepressivos, em pequenas doses e de forma descontinuada, desde aproximadamente os dezoito anos, quando ingressou na universidade. Queixa-se de apresentar períodos de desânimo, de facilmente sentir-se diminuído diante dos colegas de profissão e, com alguma frequência, de julgar que desconhecidos estão pondo dúvida em sua masculinidade. Quando procurou a ajuda de um analista, acabara de se separar de sua primeira esposa, após quatro anos de relacionamento, e seus sintomas haviam piorado bastante, a ponto de encontrar-se com dificuldade para trabalhar.

Paulo é competente e destacado odontólogo, com especialização no exterior, assim como seus dois irmãos, com os quais divide uma clínica luxuosa em uma cidade industrial próxima à capital. O pai, muito conhecido na região, trabalha como consultor de empresas. Foi ele quem construiu a clínica dos três filhos e arcou integralmente com as suas modernas e sofisticadas instalações. Seu escritório encontra-se no mesmo prédio e é ele quem cuida da parte financeira e dos pagamentos da clínica. Na prática, os filhos apenas tomam conhecimento dos seus ganhos líquidos mensais.

Aos dezessete anos, Paulo sentia-se muito franzino para enfrentar os colegas da escola e com sérias dificuldades de se aproximar das garotas. Acredita que foi a partir dessa idade que começaram a surgir os seus sintomas, atenuados, na ocasião, com a compra de uma moto. Quando completou dezoito anos, foi apresentado pelo pai com um carro esportivo de sua escolha, conferindo-lhe uma posição inédita entre os jovens de sua faixa etária. A propósito, a aquisição de motos e carros mais potentes e mais valiosos tem sido uma tônica na vida de Paulo, ocorrendo sempre que se sente diminuído. Essas trocas, na maioria das vezes, são respaldadas pelo pai, que também se encarregou de fazer os acertos financeiros com a sua esposa quando o casal se separou.

Muitos outros detalhes da vida desse paciente reforçam a constatação evidenciada pela clínica de que um número bastante grande de indivíduos não consegue superar os limites dos contingenciamentos físicos e emocionais do final da adolescência, determinando o surgimento de sintomas que tendem a se agravar com as exigências de vida adulta e a perda real dos pais. No caso de Paulo e de muitos outros, de ambos os sexos, torna-se evidente o caráter homossexual desse aferramento à figura paterna, bem lembrada por Freud (1905[1901]) no pós-escrito do *Caso Dora*, ao dizer:

Quanto maior o intervalo de tempo que me separa do fim desta análise, mais provável me parece que a falha em minha técnica esteja nesta omissão: não

consegui descobrir a tempo nem informar à paciente que seu amor homossexual por Frau K. era a corrente inconsciente mais poderosa de sua vida mental (p. 116).

De fato, a desmentida da perda do pai provedor implica um esforço por conservar uma posição homossexual, sendo que, no caso da mulher, a meta geralmente é feminizar a figura paterna. No caso de Paulo, a aspiração homossexual encontrava-se projetada nos estranhos, cujo significado é bem conhecido pela psicanálise. Essas considerações, por fim, nos levam a concluir, como alerta Maldavsky (1992), que os adolescentes se rebelam não apenas contra o que os pais procuram sustentar com suas palavras e certas normas impostas pela sociedade, mas também contra seus próprios processos intrapsíquicos que percebem conduzi-los a uma vida adulta inevitável.

Finalmente, dentro do quadro de *pseudomaturidade*, cabe considerar os indivíduos que, independentemente de sua idade cronológica, não conseguiram ultrapassar a adolescência em seu desenvolvimento psicosssexual e que, apesar disso, tornaram-se pais. Na prática, é possível que consigam proporcionar os devidos cuidados e limites aos filhos durante os primeiros meses de vida e durante o período de infância, mas fracassam quando eles atingem a adolescência, período a partir do qual passam a ser vistos por eles como irmãos. Além das dificuldades que decorrem da competição que então se estabelece, os filhos ainda enfrentam o abandono que resulta da incapacidade dos pais de colocarem os necessários limites. Em muitos casos, ocorre neste momento uma inversão de papéis, ou seja, os filhos assumem as funções de pais e estes, de filhos.

The Ethics in Relations Between Parents and Children

Abstract: The study emphasizes the importance of ethics in human relationships that takes into account the individuality of the other; regardless of any differences are age, sex, social status, knowledge, beliefs, and convictions, in the specific case, family roles. The respect to adults within a family is the same that should be dispensed to children from birth, or even before. Failures in this fundamental precept usually result in three defensive situations the author describes under the title of imprisonment, refuge and pseudo-maturity.

Keywords: Adolescence. Current world. Incest. Paternity. Parent-child relationship. Psychological distress.

Referências

ALMASIA, A.; SCOKIN, M. S. Transformaciones en la adolescencia media. In: NEVES, N.; HASSON, A. **Del suceder psíquico:** erogeneidad y estructuración del yo en la niñez y la adolescencia. Buenos Aires: Nueva Visión, 1994.

- BOLLAS, C. **Forças do destino**: psicanálise e idioma humano. Rio de Janeiro, Imago, 1992.
- CHASSEGUET-SMIRGEL, J. **Comunicação pessoal**. 1978.
- DERRIDA, J. Desconstruindo o terrorismo. In: BORRADORI, G. **Filosofia em tempo de terror**: diálogos com habermas e derrida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- DOSTOIÉVSKI, F. **Os irmãos Karamazov**. São Paulo: Editora 34, 2000. Originalmente publicado em 1879.
- FREUD, S. (1905[1901]). Fragmento da análise de um caso de histeria. **Obras completas**. v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- _____. (1911). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (dementia paranoides). **Obras completas**. v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____. (1913[1912-1913]). Totem e tabu. **Obras completas**. v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____. (1927). O futuro de uma ilusão. **Obras completas**. v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- KLEIN, M. El desarrollo de um niño. **Obras completas**. v. 2. Buenos Aires: Paidós-Horme, 1975. Originalmente publicado em 1921.
- LACAN, J. **Escritos**. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- LEBOVICI, S. Meternidade. In: COSTA, G. P.; KATZ, G. **Dinâmica das relações conjugais**. Porto Alegre: Imago, 1992.
- MALDAVSKY, D. **Teoria y clinica dos processos tóxicos**: adicciones, afecciones psicossomáticas, epilepsias. Buenos Aires: Amorrortu, 1992.
- MEDEIROS, M. **Poesia reunida**. Porto Alegre: L&PM, 1999.
- MELTZER, D. **O processo psicanalítico**: da criança ao adulto. Rio de Janeiro: Imago, 1971.
- STEINER, J. **Psychic tetrads**: pathological organizations of the personality in psychotic, neurotic and borderline patients. Londres: Routledge, 1993.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA

Revisão de português: Victor Lourenço

Gley Silva de Pacheco Costa

Rua Mariante, 288 / 1308

90430-180 Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: gley@terra.com.br